

**14\_ABR 2018  
ESCOLA  
SECUNDÁRIA  
PAREDES**

# **IV JORNADAS PEDAGÓGICAS APP**

**Leitura,  
Literatura e  
Gramática**

**Ação de formação de curta duração – 6 horas**

# PROGRAMA

Em 2018, as IV Jornadas Pedagógicas da APP realizam-se em Paredes, no dia 14 de abril, e são organizadas pela direção da associação, em articulação com a Escola Secundária de Paredes e o núcleo regional da APP no Porto.

À semelhança das edições anteriores, estas jornadas procuram promover a reflexão em torno de questões que se colocam aos professores de Português de todos os níveis de ensino. A necessidade de desenvolver competências nos alunos, que tenham em consideração documentos comuns de referência para as diferentes disciplinas curriculares, como é o caso do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, e Aprendizagens essenciais para o ensino do Português, levanta dúvidas e coloca desafios aos professores, exigindo-lhes respostas a muito curto prazo.

Neste contexto, as IV Jornadas Pedagógicas são uma ação de curta formação que tem o objetivo de apresentar desafios nas políticas educativas e o ensino da língua e responder a questões emergentes na didática da leitura, da literatura e da gramática. A ação tem um enfoque particular na interdisciplinaridade, na avaliação, na articulação entre texto e gramática, na distinção entre ensinar literatura e ler literatura e na multiplicidade de leituras que os livros oferecem.

**9h00** Receção

**9h30** Abertura

Momento musical

**9h35** Filomena Viegas - Associação de Professores de Português

*Aprendizagens Essenciais de Português: um foco interdisciplinar*

**10h00** João Costa - Secretário de Estado da Educação

*Desafios nas políticas educativas e o ensino da língua*

**11h00** Intervalo

Momento musical

**11h30** Antonieta Lima Ferreira - Adjunta do Senhor Secretário de Estado da Educação

*E se começássemos pela avaliação?*

**12h30** Debate

**13h00** Almoço

**14h30** Momento musical

**14h35** Regina Duarte - Camões I. P.

*Ensinar literatura ou ler literatura? Uma aula possível*

**15h30** Sónia Valente Rodrigues - Faculdade de Letras, Universidade do Porto

*Para uma articulação entre texto e gramática: proposta didática*

**16h30** Intervalo

Momento musical

**17h00** Paulo M. Faria - Instituto de Educação, Universidade do Minho

*Dos livros às leituras e outras paisagens*

**18h00** Encerramento

## RESUMO

O Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (PAFC) prevê uma articulação entre o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PA), as Aprendizagens Essenciais (AE) e a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC) e incentiva os professores a desenvolverem a sua ação didática procurando articular competências transversais a diferentes áreas curriculares. Nesta intervenção, referem-se dados do quadro de referência do PAFC e alguns fundamentos teóricos que apoiam a opção por uma metodologia de trabalho em sala de aula com foco interdisciplinar.

Desafiam-se os professores do 1.º ciclo do Ensino Básico e de Português dos ensinos Básico e Secundário a optarem, em parte do seu tempo curricular, por ações didáticas em sala de aula, envolvendo uma articulação interdisciplinar e incidindo em diferentes áreas de competência do PA, emergentes no ensino e na aprendizagem do léxico, da gramática e da leitura literária. Apresenta-se uma proposta de projeto interdisciplinar, sobre especificidades do léxico no contexto do ensino e da aprendizagem de diferentes disciplinas do currículo, e uma ação estratégica que procura ilustrar um modo de desenvolver competências associadas à área de competência Desenvolvimento pessoal e autonomia, do PA.

## Nota biográfica

Desempenha funções de presidente da direção da Associação de Professores de Português (APP), é diretora do Centro de formação (cfor@app.pt), editora executiva da revista *Palavras* e formadora certificada pelo CCPFC, nas áreas e domínios A46 Português/Língua Portuguesa, C05 Didáticas Específicas, C15 Tecnologias Educativas.

Tem mestrado (1996 FLUL) em Linguística Portuguesa Descritiva e doutoramento (2014 FLUP) em Didática de Línguas.

É membro do Centro de Linguística da Universidade do Porto. Foi autora e coordenou (2006-2010) a área de recursos educativos do MEC, GramáTICa.pt, no sítio <http://area.dge.mec.pt/GramaTICa/>.

Foi coautora e coordenou (2014-2015) o projeto de investigação ação "Texto, gramática e ensino do Português", da APP, apoiado pela F. Calouste Gulbenkian, cujo *e-book* se encontra no sítio <http://appform.pt/initium/tgep>.

É coautora de publicações no âmbito dos Programas de Português do Ensino Básico (2009).

## RESUMO

Esta intervenção abordará alguns dos desafios globais e locais enfrentados pelo(s) sistema(s) educativo(s), centrando-se na relevância de garantir melhores aprendizagens para todos, numa perspetiva inclusiva e de promoção de mais justiça social através da educação. Será apresentado um panorama de políticas educativas coerentes com esta finalidade, com principal destaque para a necessidade de promover o desenvolvimento de competências transversais, alicerçadas numa efetiva educação para a cidadania, num sistema que tem como premissa uma intervenção proativa e não remediativa na garantia da inclusão de todos os alunos.

Neste quadro, torna-se particularmente relevante discutir qual o papel do ensino da língua materna e das línguas estrangeiras. Que ganhos traz a flexibilidade curricular para o desenvolvimento de competências linguísticas, numa escola que se abriu a todos e que não exclui perfis linguísticos diferenciados? Que papel têm os projetos educativos que encaram o multilinguismo como uma riqueza e um trunfo para a escola? Que literacias têm de ser desenvolvidas e qual o papel da convergência entre diferentes áreas do saber para o desenvolvimento dessas literacias?

Far-se-á uma ponte entre as políticas educativas em curso, os resultados da investigação sobre consciência linguística e as implicações práticas deste olhar cruzado.

## Nota biográfica

Professor Catedrático do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Licenciado em Linguística pela Universidade de Lisboa e Doutor em Linguística pela Universidade de Leiden, nos Países Baixos. Parte dos seus estudos de doutoramento foi passada no MIT (Massachusetts Institute of Technology).

A sua atividade de investigação e docência dedica-se, sobretudo, à sintaxe teórica, à aquisição da linguagem e às perturbações do desenvolvimento linguístico, tendo algum trabalho na área da linguística educacional. É autor de vários livros e de dezenas de artigos, sendo membro do comité científico e editorial de algumas das mais importantes revistas e congressos.

Foi professor convidado em várias universidades, tendo lecionado no Brasil, nos Países Baixos, em Espanha, em França e em Macau.

Foi Diretor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, até novembro de 2015.

Foi Presidente do Conselho Científico das Ciências Sociais e Humanidades da Fundação para a Ciência e Tecnologia, até novembro de 2015.

Integrou o Conselho Científico do Plano Nacional de Leitura, o Conselho Científico do Instituto Internacional da Língua Portuguesa e Conselho Consultivo da Língua e Cultura do Instituto Camões.

### RESUMO

Avaliar é recolher informação, discernir características, descrevê-las, fazer juízos, tomar decisões.

A informação que em cada momento se quer recolher, as características que se pretendem discriminar, o que se quer descrever, o(s) objeto(s) dos nossos juízos, aquilo que sustenta as nossas decisões, não são sempre a mesma coisa. Melhor: muitas vezes são coisas muito distintas.

Assim é, porque distinto é o que nos compõe quando aprendemos coisas várias: que nos acontecem ao longo de uma taxonomia — do reproduzir ao criar —, que nos acontecem em vários suportes — do traço no papel ao gesto do discurso —, e em vários modos — em sincronia ou em diferido.

Se umas vezes queremos recolher informação sobre o que alguém consegue escrever acerca de um tema, dando-lhe formato de texto argumentativo, convocando pausada e solitariamente a arte de bem argumentar e pondo-a ao serviço de um leitor que se deixará conduzir pelos parágrafos de um texto, outras ocasiões existem em que o que de facto queremos fotografar é a capacidade de alguém interagir em tempo real, expondo, e mesmo encenando, o que pensa, sabendo contrapor perante o inesperado argumento do outro.

Se assim é, então as técnicas que aqui e ali usamos não poderão ser iguais. Terão necessariamente de ser as mais adequadas à especificidade do que queremos observar, à singularidade do que queremos avaliar. Nada de novo até aqui.

Nova também não é a declaração de Domingos Fernandes sobre o necessário alinhamento das tarefas de aprendizagem com as da avaliação<sup>[1]</sup>.

Isto é tão óbvio quanto:

Se te ensinam A, avaliam-te em A, não em B ou em C.

A que acrescentaríamos:

Se te querem avaliar em A, então é bom que encontrem boas formas de captar o que sabes em A, e não noutra coisa qualquer...

Numa comunidade que se une em volta da aprendizagem, se bem avaliar tem impacto sobre bem ensinar e bem aprender só parece fazer sentido que avaliar tenha como objetivo primeiro ensinar e aprender mais e melhor. Na escola promotora de mais e melhores aprendizagens para todos, pode fazer sentido o exercício que se propõe: começar pela avaliação — saber bem, à partida, o que se quer, que desempenho se projeta para o aluno, que comportamento se vai observar, como vai ser observado, como o vamos captar. E se começássemos pela avaliação?

---

[1] “fazendo coincidir as tarefas de aprendizagem com as de avaliação” (Fernandes, 2005, p. 80).

### Nota biográfica

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas – Universidade de Lisboa, mestre em Avaliação, no Instituto da Educação (ULisboa). Foi Diretora de Serviços de Exames, no Gabinete de Avaliação Educacional (Ministério da Educação) e Assessora técnico-científica do Conselho Nacional de Educação. É professora de Português no Ensino Básico e Secundário, formadora em avaliação das aprendizagens. Atualmente é adjunta do Gabinete do Secretário de Estado da Educação, no Ministério da Educação. Coautora de várias publicações na área da avaliação, nomeadamente: Neves, A. e Ferreira, L. A. (2015). Avaliar é Preciso? Guia prático de avaliação para professores e formadores. Lisboa: Guerra e Paz, Editores, SA.

## RESUMO

Ao pensar numa aula de leitura, começaremos pelo que se espera da escola enquanto local privilegiado de ensino da literatura. Qual é o mandato oficialmente atribuído à escola para o ensino da leitura literária? Como se compara este mandato com a realidade de outros países do mundo?

Passaremos depois às representações dos professores e dos alunos sobre a leitura: o que sabemos acerca de nós e dos nossos alunos como leitores? Como recolhemos e tratamos esta informação? Como são os nossos leitores quando comparados com outros de outros países? E, sobretudo, como compatibilizar, em sala de aula, perfis distintos de leitores, exigências (e inconsistências) curriculares e exames finais?

Uma vez caracterizado o nosso público alvo, olhamos para os livros, assumindo que há um livro certo para cada leitor (Witte, Rijlaarsdam & Schram 2012). Há também livros que precisam da orientação do professor e de pistas de leitura adequadas para se tornarem compreensíveis e dialogarem connosco. Como distinguimos estes livros? E como encontramos as pistas de leitura que nos facultam o acesso aos diferentes sentidos do livro?

Discutiremos propostas possíveis para sala de aula, sabendo que a leitura é uma atividade social (Guthrie & Klauda, 2013) e, terminaremos, no fim da aula, com recomendações de leitura por prazer: como as podemos organizar? Como garantimos que este não é um tempo deixado ao acaso?

Conscientes que estas são as exigências que se colocam, diariamente, às nossas aulas de leitura de literatura, tentaremos encontrar soluções possíveis que tenham sempre presentes a responsabilidade da literatura na formação pessoal, humanística, dos nossos alunos.

## Nota biográfica

Regina dos Santos Duarte é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, pela Universidade Nova de Lisboa. É doutorada em Literacias e Ensino do Português, pela Universidade do Minho, onde defendeu a sua tese sobre ensino da literatura na educação básica e secundária, em 2013.

De 2002 a 2009, trabalhou no Departamento do Ensino Secundário, do Ministério da Educação. Liderou a equipa de Português, âmbito em que desenvolveu várias linhas de ação para a formação de professores, orientou estudos de investigação-ação e publicações didáticas, no âmbito do plano estratégico para o ensino do Português.

Coordenou e é coautora de vários estudos sobre ensino da língua e de orientações didáticas. Foi delegada de Portugal no Conselho da Europa, no grupo de Políticas Linguísticas.

Desde 2010 que é investigadora do grupo europeu European Literary Framework for Students of Secondary Education.

É Coordenadora do Ensino Português no Reino Unido, do Camões, I.P., desde 2011, e Adida para a Educação na Embaixada de Portugal.

Lidera o grupo que propôs ao Departamento da Educação inglês um projeto para a primeira escola bilingue anglo-portuguesa no Reino Unido.



## RESUMO

Uma das áreas nucleares da didática do português língua materna diz respeito ao desenvolvimento da competência da leitura. Neste campo, importa conhecer os contributos de várias áreas de investigação, como, por exemplo, os que são oriundos da linguística de texto e da pragmática.

Para autores como Fonseca (1986 e 1988-89) e Adam (2012), a interpretação dos textos consiste num trabalho baseado num vaivém entre a particularidade micro-linguística e o acontecimento discursivo global. Compreender um discurso ou interpretar um texto implica desenvolver um trabalho de cálculo interpretativo que toma em consideração fatores de diversa ordem (como o conhecimento linguístico, os dados contextuais e o conhecimento do mundo, por exemplo), num trabalho que «não se processa de forma linear, antes se desenvolve através de interações múltiplas que se travam entre o local e o global, isto é, entre as microestruturas e as macroestruturas (intermédias e global) dos discursos.» (Fonseca 1988-89, p. 71). Esta linha de investigação contribui para a reflexão em torno da prática de análise e interpretação de texto na aula de Português língua materna, na medida em que aponta para «a necessidade de explorar a articulação entre, de um lado, propriedades, instrumentos e mecanismos linguísticos e comunicativos presentes e operantes na estruturação e funcionamento dos discursos e, do outro lado, as condições de produção desses mesmos discursos.» (Fonseca 1988-89, p. 72).

Com base nos pressupostos enunciados, são apresentados dois percursos didáticos baseados numa estratégia de leitura enquanto processo de articulação entre texto e gramática. Esses percursos didáticos estão orientados para a leitura de textos de dois géneros: o roteiro turístico e a opinião.

## Nota biográfica

Sónia Valente Rodrigues é doutorada em Linguística, especialidade de Pragmática e Linguística de Texto. É Professora Auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, investigadora no Centro de Linguística da Universidade do Porto e formadora nas áreas e domínios A61 Linguística e C05 Didáticas Específicas (Português/Língua Portuguesa). Os seus interesses de investigação incluem Pragmática, Linguística textual, Análise do Discurso, Linguística Educacional e Didática. Tem colaborado em projetos de investigação e integrado comités científicos de congressos e conferências nestas áreas. Tem publicado vários artigos em textos selecionados e em revistas nacionais e internacionais, atas de encontros científicos, capítulos de livros e livros.

## RESUMO

Discutir a importância da leitura nos dias de hoje é uma questão que ultrapassa o saber ler enquanto domínio instrumental da língua. Nesse sentido, aprender e ensinar a ler, atualmente, deverá passar pelo desenvolvimento de multiliteracias, enquanto competências de processamento de multimodal.

Propõe-se, na primeira parte, apresentar algumas das tendências mais representativas no campo da leitura, especificamente as que estão relacionadas com meios e recursos digitais; na segunda, serão partilhadas ações que decorreram no âmbito do desenvolvimento de dois projetos desenhados numa perspetiva interdisciplinar em articulação com a Biblioteca Escolar. Distinguidos e premiados pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação Montepio, partilhar-se-ão aspetos da sua implementação e das respetivas ações desenvolvidas com professores e alunos.

## Nota biográfica

Doutor em ciências da educação, especialidade tecnologia educativa, pela Universidade do Minho, onde desenvolveu a sua investigação e lecionou na área da formação inicial de professores. Realizou o mestrado na área da literatura portuguesa na mesma universidade. Foi professor de Latim e Português. Atualmente, desempenha funções como Coordenador Interconcelhio da RBE e é docente convidado no ensino superior.

Tem em curso o Pós-doutoramento no domínio da leitura digital e participa em eventos científicos em Portugal e no estrangeiro, tendo comunicado e publicado em revistas especializadas.



Organização



Escola Secundária  
**PAREDES**



Apoio

